

Além da Experiência Filadélfia

EM 1943 A MARINHA NORTE AMERICANA REALIZOU EXPERIMENTOS SECRETOS COM UM DE SEUS NAVIOS, PONDO À PROVA AS TEORIAS DE EINSTEIN ATRAVÉS DOS INVENTOS DE TESLA. SÓ QUE ALGO DEU ERRADO. ALÉM DE TORNAR-SE INVISÍVEL, O NAVIO FOI TRANSPORTADO PARA OUTRO LUGAR, E SEUS TRIPULANTES PASSARAM POR EXPERIÊNCIAS ATERRADORAS, VISITANDO TERRAS FANTÁSTICAS EM TEMPOS INCERTOS.



Distribua sem Moderação!

MARCELO BIGHETTI

ALÉM DA EXPERIÊNCIA FILADÉLFIA

MARCELO BIGHETTI

O e-book que você está lendo é usado num projeto de inclusão digital e social sob autorização do autor e é livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:

Nome do autor: Marcelo Bighetti

e-mail: mbighetti@gmail.com

ALÉM DA EXPERIÊNCIA FILADÉLFIA

Marcelo Bighetti

— A ordem para ligarmos o equipamento está demorando a chegar — disse Edward impaciente.

— Demais, — concordou Jacob — e tudo isto me deixa muito nervoso. Onde já se viu, fazer um navio deste porte ficar invisível. E o pior de tudo é que não substituíram o pessoal que passou mal no primeiro teste.

— Sinto que algo não está certo — comentou Alexander, irmão de Edward. — Sabe quando temos um mau pressentimento? Não sei explicar, mas sinto um frio no estômago.

Por vários minutos o silêncio dominou a sala de controle.

A bordo do navio destróier escolta USS Eldridge, da Marinha Norte Americana, Edward A. Cameron II, Alexander Duncan Cameron Jr. e Jacob L. Murray, esperavam pacientemente as ordens dos oficiais que viriam pelo rádio.

Era o segundo teste do Projeto Arco-Íris. O primeiro foi, aparentemente, um sucesso. Durante aproximadamente vinte minutos o navio adquiriu invisibilidade ótica e também ao radar. Infelizmente os marinheiros que permaneceram no convés, ficaram desorientados e abalados.

O Projeto Arco-Íris, que ficaria conhecido como a Experiência Filadélfia, tinha como base a teoria do campo unificado de Albert Einstein, utilizada por Nikola Tesla no desenvolvimento do seu projeto de invisibilidade. A Marinha investiu muito no projeto, e em plena Segunda Guerra Mundial, queria usar todo o potencial desta vantagem militar, visto os alemães estarem destruindo a frota americana com seus submarinos e minas marítimas.

A madrugada do dia 12 de agosto de 1943 estava calma. A negra noite exibia um firmamento com inúmeras e cintilantes estrelas. Pouquíssimas nuvens iluminadas por um pálido luar. O USS Eldridge havia deixado o porto de Filadélfia poucos minutos antes

e estava em posição junto ao navio de observação. A água do mar estava tranquila e a pequena tripulação, ansiosa e com receio. Havia menos de um mês, no primeiro teste, alguns tripulantes sentiram as incômodas sensações do intenso campo eletromagnético gerado pelas duas gigantes bobinas de campo instaladas na proa. As lembranças eram recentes e perturbadoras.

O segundo teste seria decisivo e todos estavam preocupados. Os marinheiros no convés do USS Eldridge, com seus típicos uniformes brancos e em posição de sentido, respiravam o ar quente do verão que se aproximava, sentindo o agradável cheiro que a suave brisa trazia do alto mar.

A uma distância segura, a bordo de uma outra embarcação, cientistas e oficiais podiam observar com detalhes, em primeiro plano, o casco do USS Eldridge iluminado pelo luar, tendo ao fundo a linha do horizonte do oceano. A decisão em aumentar a intensidade do campo eletromagnético para aquele teste fez a tensão psicológica se elevar muito. Somente a ignorância por parte da tripulação cobria a fez não desertar.

John Von Neumann, diretor do projeto, com voz rouca e certa dose de hesitação, disse:

— Cavalheiros... — fez uma pausa — Podemos iniciar os testes.

O capitão ordenou pelo rádio:

— Autorizado início da fase dois do Projeto Arco-Íris — sua voz de barítono era dura e fria. — Iniciar procedimentos para ativação das bobinas.

— Entendido, capitão — confirmou Edward a bordo do USS Eldridge.

— Meu irmão. Meu amigo. Aqui vamos nós — Edward disse encarando os dois e caminhou rapidamente para o equipamento de controle.

Eram necessárias duas pessoas para operar o equipamento na sequência correta. Alexander acompanhou seu irmão, seguido de

perto por Jacob. Os três caminharam fazendo repetidas vezes o sinal da cruz.

Jacob observou Edward e Alexander manipularem os controles do painel. O ruído característico foi ouvido pelos três, os quais souberam que as bobinas começaram a funcionar. Logo perceberam que algo não estava certo. Havia discrepâncias na maneira pela qual o equipamento estava funcionando.

— Algo não está certo — gritou Edward — Verifique os mostradores.

— A instabilidade está crescendo — confirmou Alexander com um certo gaguejo. — Não está funcionando direito. Precisamos desligar.

Jacob viu o desespero de seus companheiros ao tentarem desligar o equipamento. As sirenes de emergência começaram a tocar, aumentando o nervosismo de todos. O navio tremeu intensamente.

— Todos os interruptores travaram — gritou novamente Edward, enquanto tentava de todas as maneiras desligar a máquina. Sentiu o gosto salgado do suor que corria pela sua face. Uma vibração forte e constante incomodava a todos.

As luzes vermelhas de emergência piscaram sem parar. A iluminação diminuiu e o pavor tomou conta dos três.

— Ajude aqui, Jacob — gritou Alexander.

Os três, com todas as forças, tentaram desligar. Grandes faíscas em arcos elétricos dispararam por toda a cabine. Era um espetáculo lindo e perigoso. As descargas elétricas formaram vários arcos aleatórios que percorreram a cabine de controle.

— Rápido. Vamos sair daqui — os gritos de Edward quase não foram ouvidos. Em pânico, os três correram para o convés através dos estreitos corredores.

No barco de observação todos viram quando as bobinas alcançaram a potência máxima. As luzes das descargas elétricas percorreram todo o navio. Observando os acontecimentos através de binóculos, viram os marinheiros correndo desesperados de um lado

para outro. Os oficiais e cientistas baixaram seus binóculos quando lenta e gradativamente uma névoa brilhante e verde começou a envolver o USS Eldridge. As descargas elétricas em forma de raios percorreram toda a extensão do barco. Em poucos minutos, a névoa encobriu toda a embarcação. Apenas a silhueta era vista quando a névoa adquiriu um brilho interno, assim como escuras nuvens brilham à luz de um relâmpago. Logo a névoa desapareceu e o navio não estava mais lá.

Edward, Alexander e Jacob chegaram ofegantes ao convés. De imediato sentiram um cheiro estranho, algo como enxofre queimado. A limpa noite não existia mais. As estrelas sumiram e em seu lugar havia uma neblina esverdeada. Por alguns instantes, os três contemplaram atônitos o pandemônio que reinava. Gritos de terror e dor chegaram aos seus ouvidos. Ficaram nauseados com o forte cheiro. Perplexos, viram seus companheiros sumirem em pleno ar. Outros reapareceram do nada. A correria e os gritos aumentavam a cada minuto. Viram pelo menos quatro tripulantes mortos, com seus corpos fundidos ao metal do casco. Um outro gritava desesperadamente ao tentar puxar sua mão que estava fundida ao metal da parede. Outros ataram fogo em suas próprias roupas. Ajoelhados em desespero e total descontrole alguns marinheiros investiam suas cabeças com toda força no piso.

Em meio ao caos, Alexander sugeriu gritando:

— Vamos saltar ao mar e nadar até a costa. Não iremos sobreviver se ficarmos.

Os três correram e pularam a grade de proteção.

Alexander esperou o choque com a água fria que devia ter ocorrido no máximo em dois segundos. Mas a queda demorou mais. Envolto na névoa verde, clarões de luz branca ofuscaram sua visão. A sensação de queda prolongada não foi agradável. O medo do desconhecido tomou conta do seu ser.

— Edward... Jacob. Vocês estão aí? — Alexander gritou com toda a força dos pulmões.

Aos poucos percebeu que os clarões diminuíram e a névoa

começou a escurecer. A escuridão total o envolveu, assim como o pavor. Estaria morto? Louco? A razão pareceu não existir mais. Não sabia se estava caindo ou simplesmente flutuando.

Enquanto buscava analisar a situação de forma ponderada, a queda chegou ao fim. Não caiu na água, como esperava, mas sim em um chão lodoso. Foi como se tivesse tropeçado e caído para a frente com as mãos nas costas. A lama fedorenta amorteceu a queda. Bateu a boca. A pancada em seu peito fez com que a respiração quase parasse. Atordoado, respirou com muita dificuldade. Seu corpo inteiro doía. Após alguns minutos, e com um esforço tremendo, sentou-se, cuspiendo o resto de lama misturado ao sangue que ainda estavam em sua boca.

Com a cabeça entre os joelhos, abraçou as pernas. Lentamente foi colocando os pensamentos em seus devidos lugares. Sentiu um desagradável aroma de carne podre. Sapos quebraram o silêncio da noite com seus sons característicos. Ao longe ouviu o uivo de um lobo.

Respirando quase normalmente, abriu os olhos e olhou para cima. A visão estava turva, mas logo vislumbrou uma cena fantástica. O céu possuía uma quantidade de estrelas como ele jamais tinha visto. Uma mancha clara se estendia por toda a abóbada celeste, e logo percebeu que se tratava das estrelas do braço da Via-Láctea.

Que lugar seria aquele? Parecia um pântano. A lama em que estava sentado era repugnante. O cheiro era insuportável. Alexander conseguia distinguir, na escuridão da noite, que estava em uma clareira cercada de grandes árvores.

Alexander tinha vinte e um anos. Estava na marinha havia dois anos. Era um bom marinheiro, mesmo sendo ofuscado pelo seu irmão Edward. Não era muito alto, tinha um metro e setenta de altura, mas era muito forte com músculos bem definidos. Seus cabelos negros, cortados rente conforme protocolo da Marinha, realçavam a cor verde dos seus olhos. As sobrancelhas levemente arqueadas na parte exterior junto às têmporas e curvadas para baixo na parte interior, junto ao topo do nariz, davam-lhe uma aparência de ser um homem muito bravo.

De repente, a certa distância, viu vultos surgindo dentre as árvores. Imediatamente lembrou-se de seus companheiros e gritou com voz embargada:

— Edward, Jacob... São vocês? — levantou-se com cuidado, sentindo cada parte do seu corpo doer muito. Uma vertigem o fez ver tudo rodar e por um instante pensou que cairia. Quando se sentiu seguro e com o passar do mal-estar, começou a caminhar.

Andou um pouco e viu que não havia ninguém ali. Estaria ficando louco? Aquela experiência da Marinha o tinha lesado? Lembrou nitidamente que havia pulado do navio e, no entanto, estava ali, em um lugar desconhecido. Como seria possível?

Enquanto contemplava tudo ao redor, sentiu a presença de alguém ou algo. Seu corpo inteiro arrepiou-se e um medo estranho o dominou. Virando-se rapidamente sacou a pistola do coldre e viu novamente vultos.

— Edward, Jacob? — perguntou gritando enquanto empunhava a arma.

Foi aproximando-se lentamente e parou de súbito quando percebeu que não eram seus amigos. Mesmo na escuridão da noite pouco iluminada viu que não eram pessoas como as que conhecia. Aos poucos vários seres foram se aproximando. Em poucos segundos Alexander ficou cercado por grandes criaturas.

Vinte ao todo. Elas o cercaram em um círculo. Devido à escuridão Alexander não pode ver todos os detalhes, mas viu o suficiente para o pavor gelar seu coração e o espanto permear sua mente. As criaturas tinham cerca de três metros de altura. Eram incrivelmente fortes, com um grande tronco e braços muito grossos, que pareciam desproporcionais, visto se estenderem quase até os pés. Com admiração, viu que possuíam apenas uma perna.

— Quem são vocês? Onde estou? — perguntou com receio, tendo a arma apontada para as criaturas. Ficou girando em torno de si. Com medo.

As criaturas ficaram analisando o recém-chegado e começaram a conversar entre si. Alexander percebeu que se comu-

nicavam através de uma linguagem estranha. Sons guturais mesclados a sibilos graves. Pareciam que estavam engasgados e tentavam aliviar a garganta com pigarros.

— *Este humano é muito diferente* — comentou Uk, líder da expedição de busca dos Sacis.

— *Realmente não é fruto das Icamiabas e também não pertence aos Guacaris* — Urg falava enquanto se aproximava lentamente de Alexander. Andava apoiando as mãos no chão, parecendo um gorila.

— Não se aproxime! — berrou Alexander apontando a arma para cima em direção a Urg. Mesmo na tensão do momento um pensamento desnecessário passou pela sua mente. Em meio àqueles gigantes sentiu como se fosse uma criança olhando para os adultos.

— *Não entendo o que você fala humano* — Urg disse enquanto continuava sua aproximação.

— Eu vou atirar — gritou Alexander tremendo e sentindo o hálito putrefato exalado pelos Sacis.

Um estouro fez os Sacis se assustarem. Um grito de dor apavorante quebrou o silêncio da noite quando uma bala atingiu o ombro de Urg que olhou com muita raiva para Alexander.

— *Seu humano maldito* — Urg com um rápido movimento desferiu um soco em Alexander, fazendo-o cair de costas, desmaiado. A grande mão do saci, que fechada era maior que a cabeça de um humano, fez o nariz de Alexander afundar em sua face.

Urg apalpava o ombro latejante que doía.

— *Peguem o humano* — grunhiu Uk. — Vamos levá-lo para a cidade.

Os sacis eram grandes criaturas que chegavam a até três metros de altura. Com estrutura óssea robusta, possuíam longos braços que se estendiam até o ponto médio da tíbia. Possuíam apenas uma perna, que terminava com um grande pé em forma circular. A pele, negra como a noite sem lua, era espessa e resistente como a casca das árvores. A grande cabeça, na maioria das vezes raspada total-

mente, possuía a mandíbula proeminente projetada para a frente. Grandes dentes caninos eram visíveis mesmo com a boca fechada. O largo e grande nariz era como um apoio aos grandes olhos negros, quase saltando das órbitas.

Os vinte sacis da equipe de busca, liderados por Uk, passaram pelos portões de entrada da cidade. Exímios trabalhadores em pedra, a cidade era uma fortaleza cercada por uma alta e extensa muralha. Com Alexander sendo carregado ao ombro por um deles, como se fosse um saco, foram diretamente relatar o achado ao Ux, Sumo-Saci governante da civilização Saci.

Adentraram um complexo de estruturas destinadas aos conselhos governamentais e estratégicos. Em uma ampla sala, iluminada por tochas, tendo uma das paredes decoradas com vários crânios, todos de Sumos-Sacis governantes anteriores, os vinte se posicionaram em um semicírculo em frente a Ux, que vestia uma túnica de pele de onça.

Arremessaram Alexander, ainda desmaiado, ao chão. Ux perguntou impassível:

— *De onde veio este humano? Não parece ser de lugar algum que conhecemos.*

— *Grande Ux* — Uk se colocou à frente e, inclinando-se levemente em sinal de respeito, começou o relato:

— *Depois que fomos designados para averiguar o que ocorria no pântano após os estranhos barulhos e luzes que vinham de lá, todos nós* — Uk fez um gesto circular com o braço — *rapidamente fomos ao pântano. Chegamos ao local e vimos em uma clareira uma névoa verde, suspensa, que logo em seguida cuspiu este humano.*

— *O que faremos com ele?* — perguntou Urg. — *Ele é fraco como todo humano, mas este aí possui poderes. Fui ferido quando ele me apontou isto aqui* — a arma de Alexander era agora um adorno para aquele saci. Urg amarrou a pistola em um fino cipó e fez um colar.

Ux ponderou por um momento. Aproximou-se de Urg, manuseou a arma com atenção. Analisou o ferimento no ombro e

com ímpeto gritou:

— *Vamos oferecê-lo aos visitantes do céu na visita da próxima lua. Agora saiam.*

Todos saíram, levando Alexander.

Edward, Alexander e Jacob chegaram ofegantes ao convés. De imediato sentiram um cheiro estranho, algo como enxofre queimado. A limpa noite não existia mais...

... Em meio ao caos Edward sugeriu gritando:

— Vamos saltar ao mar e nadar até a costa. Não iremos sobreviver se ficarmos.

Os três correram e pularam a grade de proteção.

Jacob esperou o choque com a água fria que devia ter ocorrido no máximo em dois segundos. Mas a queda demorou mais. Envolto na névoa verde, clarões de luz branca ofuscaram sua visão. A sensação de queda prolongada não foi agradável. O medo do desconhecido tomou conta do seu ser.

— Edward... Alexander. Vocês estão aí? — Jacob gritou com toda a força dos pulmões.

Aos poucos percebeu que os clarões diminuíram e a névoa começou a escurecer. A escuridão total o envolveu, assim como o pavor. Estaria morto? Louco? A razão pareceu não existir mais. Não sabia mais se estava caindo ou simplesmente flutuando.

Enquanto buscava analisar a situação de forma ponderada, a queda chegou ao fim. Não caiu na água, como esperava, mas sim em um chão duro. Foi como se tivesse tropeçado e caído para frente com as mãos nas costas. O solo tinha uma vegetação rasteira, que de certa forma amorteceu a queda. Bateu a boca. A pancada em seu peito fez com que a respiração quase parasse. Atordoado, respirou com muita dificuldade. Seu corpo inteiro doía. Após alguns minutos, e com um esforço tremendo, sentou-se, cuspiendo o resto de lama misturado ao sangue que ainda estavam em sua boca.

Respirando quase normalmente, abriu os olhos e olhou para cima. A visão estava turva, mas logo vislumbrou uma cena fantástica. O céu possuía uma quantidade de estrelas como ele jamais tinha visto. Uma mancha clara se estendia por toda a abóbada celeste, e logo percebeu que se tratava das estrelas do braço da Via-Láctea. Que lugar seria aquele?

Jacob tinha vinte e cinco anos. Estava na marinha havia sete anos. Era um bom marinheiro. Tinha um metro e noventa de altura. As sobrancelhas loiras, levemente arqueadas na parte interior, davam-lhe uma aparência melancólica.

Enquanto tentava analisar o terreno em que estava, a certa distância viu dois vultos na escuridão da noite. Imediatamente lembrou-se de seus companheiros e gritou com voz embargada:

— Edward, Alexander... São vocês? — levantou-se com cuidado, sentindo cada parte do seu corpo doer muito. Uma vertigem o fez ver tudo rodar e por um instante pensou que cairia. Quando se sentiu seguro e com o passar do mal-estar, começou a caminhar.

Andou um pouco e viu que não havia ninguém ali. Estaria ficando louco? Aquela experiência da Marinha o tinha lesado? Lembrou nitidamente que havia pulado do navio e, no entanto, estava ali, em um lugar desconhecido. Percebeu que estava no topo de uma colina. Viu luzes à distância e deduziu que era algum vilarejo.

Enquanto contemplava tudo ao redor sentiu a presença de alguém ou algo. Seu corpo inteiro arrepiou-se e um medo estranho o dominou. Virando-se rapidamente sacou a pistola do coldre e viu novamente os dois vultos.

— Edward, Alexander? — perguntou gritando enquanto empunhava a arma.

Foi aproximando-se lentamente e parou de súbito quando percebeu que não eram seus amigos. Mesmo na escuridão da noite pouco iluminada viu que não eram pessoas como as que conhecia. Eram dois seres bem pequenos, muito magros. As cabeças eram grandes e desproporcionais, mas transmitiam certo aspecto de inteligência superior. Os grandes olhos negros trouxeram-lhe certo

incômodo.

— Quem são vocês? Onde estou? — perguntou com receio, tendo a arma apontada para os dois seres.

Estava a cerca de quinze metros. Viu de súbito que um dos seres lentamente movia um braço.

— Não se mexa! — berrou ao mesmo tempo em que engatilhou a arma.

O ser lentamente colou a mão na têmpora.

No mesmo instante, Jacob viu um clarão que o desnorteou. Na realidade não tinha realmente visto, mas sim percebido aquilo dentro de seus próprios pensamentos. O clarão novamente iluminou sua mente e julgou ver uma linda jovem vestida de branco. Balançou a cabeça, sentindo uma dor intensa na fronte. Novamente um clarão e a imagem da jovem de longos cabelos castanhos e olhos amendoados sendo acorrentada. A dor foi mais intensa, fazendo-o apoiar-se em um dos joelhos. Com as duas mãos à cabeça, comprimiu o crânio na tentativa de aliviar a tensão. A visão terminou.

Aos poucos, foi recobrando o equilíbrio. Piscando várias vezes de forma intensa, a visão dos dois pequenos seres se focou novamente. Colocou a pistola no coldre e com interesse, inclinando um pouco a cabeça para o lado esquerdo, viu um dos seres apontar para as luzes distantes na planície e logo em seguida apontar para o chão. Repetiu o gesto várias vezes.

— Vocês querem que eu vá até lá, — Jacob disse apontado para o possível vilarejo — e volte para cá? — terminou a pergunta apontando para o chão.

Os seres consentiram.

Num lampejo de luz que ofuscou a visão de Jacob, a estranha dupla desapareceu, deixando no lugar uma fraca névoa esverdeada que se dissipou em instantes.

Com a visão ainda afetada pela luz, e não tendo muita escolha, começou a descer a colina. Após meia hora de caminhada, Jacob pode perceber, mesmo à distância, que se tratava de uma ci-

dade. Resolveu parar e dormir um pouco. Primeiro, por estar exausto, e segundo, porque não seria nada sábio entrar em uma cidade desconhecida no meio da noite. Escolheu uma vegetação que parecia confortável. Deitou-se e de imediato adormeceu.

Após uma noite de sono nada tranquila, levantou-se num sobressalto ao perceber que o dia já havia começado fazia um bom tempo. Estava com muita fome e isto o animou a entrar logo na pequena cidade.

Somente com a luz do dia foi que Jacob analisou sua crítica aparência. Seu uniforme, que antes era branco como a mais pura neve e engomado a ponto de ficar até duro, estava completamente amarrotado. Rasgado em vários lugares, o tecido possuía várias manchas coloridas: marrom de terra, verde de vegetação, vermelho escuro de sangue coagulado de algumas escoriações. O cheiro não era nada agradável. Suor misturado com enxofre. Este último reforçando a experiência traumática que tivera na noite anterior.

Ao longe ouviu vozes animadas, como se fosse uma comemoração. Ao se aproximar percebeu com mais nitidez a hilaridade de uma multidão. Em sua opinião, a cidade era um tanto quanto estranha, com aparência antiga.

Ainda não havia visto ninguém quando começou a perceber os detalhes das construções. Andou entre uma estreita rua que conduzia até uma área ampla central. Tudo aquilo pareceu bem antigo e europeu. A rua era de terra batida. Não havia muitas cores. Tudo na cidade possuía uma variante de cores que ia do cinza ao marrom. Somente o azul do céu e o verde das colinas quebravam a monotonia da triste coloração da cidade.

Chegando ao final da rua, viu uma grande praça central com uma multidão reunida. Do outro lado, uma grande igreja estilo gótico projetava ao céu suas torres pontiagudas. Viu cavalos, parelha de bois, homens e mulheres vestidos de forma precária. O cheiro de estrume impregnava o ar de forma nauseante.

Ao chegar à multidão aglomerada, percebeu olhares curiosos. Não era por menos. Seu uniforme de marinheiro era um contraste marcante. Tocando no ombro de um homem à sua frente perguntou:

— Pode me dizer onde estou?

O homem, um senhor não muito idoso, com semblante cansado e dentes estragados, olhando-o de cima a baixo disse espantado:

— *Je ne comprends pás ce que vous dites.*

Estaria na França? Pensou Jacob.

Querendo ver o que estava acontecendo, e não conseguindo, Jacob começou a se infiltrar no aglomerado para ir até a frente. Todos comemoravam alegremente. Depois de receber algumas cotoveladas, conseguiu chegar à frente e viu uma cena muito estranha. Em uma plataforma em forma de cruz um homem nu estava deitado e acorrentado. Do lado direito viu outro homem acorrentado a uma tora de madeira, tendo aos pés vários seixos de galhos secos. Ao redor, viu vários homens que julgou serem soldados e também alguns parecendo padres.

A multidão começou a gritar mais alto e a cena tornou-se bizarra. A fogueira foi acesa e o pobre homem começou a gritar enquanto a pele de seus pés começou a derreter pelo fogo. Jacob não queria ver o que estava acontecendo, mas, como que hipnotizado por uma força, não conseguiu desviar os olhos da cena horrível que se desenrolava diante dele. Os gritos de desespero e dor eram horríveis. Viu os ossos do pé até a canela serem expostos quando a carne se desfez. Em um instante, o fogo aumentou como em uma explosão e a chama alcançou pelo menos uns cinco metros de altura. Os gritos haviam cessado após uma crise de intensa tosse. O homem estava morto.

Jacob tampou o nariz com uma mão para evitar sentir o cheiro de carne humana queimada.

Olhou à esquerda quando ouviu outro grito de dor. Um carrasco acabava de enfiar uma faca no lado esquerdo do pobre homem deitado, na linha do umbigo. Lentamente levou a afiada lâmina até o outro lado do corpo, expondo todas as entranhas. A multidão em sádica histeria comemorava enquanto o condenado gritava desesperadamente. O grande homem com capuz negro continuou o serviço macabro. Como se fosse uma corda puxou para fora do corpo

o intestino. Os gritos de dor cessaram assim como mais uma vida.

Jacob ficou sem ação. Mesmo com o estômago vazio, vomitou. A bile ardeu em sua garganta.

Depois de alguns minutos, e ainda olhando para o chão de terra, pensou ter acabado. Mas estava errado. Novamente a multidão se agitava em gritos animados. Uma bonita moça, vestida de branco, foi trazida e acorrentada à outra tora.

Era a jovem de sua visão e não poderia ficar parado vendo aquela mulher ser queimada.

Notou que ainda estava de porte de sua pistola, presa ao coldre. Num impulso correu até a moça e disparou contra a corrente para libertá-la. A multidão ficou surpresa e assustada com o som emitido pelo tiro. Puxou-a pela mão e foi bloqueado por um soldado. Sem hesitar disparou. Ninguém mais ousou tentar parar Jacob.

Os dois correram sem parar. Jacob resolveu voltar à colina. Olhando para trás, viu a multidão vindo até eles. Estavam com boa vantagem. Chegando ao topo da colina, viram à frente, no ponto onde Jacob havia chegado àquele estranho lugar, uma névoa verde. Correram rapidamente até ela e antes de entrarem Jacob, com seu pobre francês aprendido em uma de suas viagens, perguntou qual era o nome da jovem:

— *Quel est votre nom?*

— Joana D'Arc — disse a moça ofegante.

Em segundos, desapareceram na névoa, sendo observados à distância por dois pequenos seres de cabeças grandes.

Novamente, Jacob teve a sensação de estar caindo para lugar nenhum, como anteriormente ao saltar do navio. A escuridão novamente o envolvia. Sentia uma pequena e suave mão apertando com força a sua. Sabia que a moça estava com medo e muito confusa com tudo aquilo. Ela tremia. Sentiu certo orgulho por já ser experiente naquilo. Era sua segunda vez e o que mais o preocupava era o final. Onde cairia desta vez? Em pedras pontiagudas? Em um rio infestado de piranhas? Novamente em seu barco?

Seus devaneios de opções de localização foram interrompidos quando de súbito caiu na água. Pensou que talvez fosse a baía de Filadélfia em que estava o USS Eldridge. Mas não era. A água era doce e percebeu que estavam em um rio. Desejou que seus pensamentos anteriores estivessem errados e não houvesse piranhas. Sorriu para si mesmo.

Os dois nadaram até a margem. A noite escura era iluminada por uma fraca lua e a temperatura era agradável. Joanna D'Arc saiu primeiro. Quando Jacob começou a subir para a terra sentiu mãos em seus pés. Em desespero agarrou raízes no barranco das margens, enquanto era puxado com força para dentro do rio.

Jacob se debatia fortemente tentando se livrar do que quer que fosse que o estava agarrando. Jatos de água eram arremessados para cima.

— Me ajude — gritou Jacob.

Joanna tentou ajudar puxando-o, mas sem sucesso.

Neste desespero algo rapidamente passou por Joanna e mergulhou nas águas escuras. Em instantes, Jacob se livrou e rapidamente subiu para terra firme ao lado da moça. Ambos olhavam abertos para o rio quando viram alguém saindo das águas. Era um homem, ou algo parecido. Com estatura mediana. Passou pelo meio dos dois falando algo incompreensível. Sons bem agudos e com uma certa cadência melódica.

— *Vocês dois humanos são loucos. O rio é domínio das iaras.*

Jacob e Joanna observaram o indivíduo se afastar e estranharam muito. Viram que ele possuía os pés ao contrário, virados para trás. O estranho se juntou a outros que estavam à distância.

Eram trinta curupiras, que rapidamente se reuniram em um círculo ao redor dos humanos, cercando-os. Os curupiras possuíam a pele acinzentada. O crânio era um pouco maior do que o dos humanos, mas com um formato triangular. O topo da cabeça era bem largo e achatado, terminando em um fino queixo. Não possuíam nariz e sim algumas protuberâncias na face. Os olhos possuíam uma grande pupila vermelha que se estendia por toda a extensão exposta.

— *Eles não são deste mundo* — afirmou Quirinac, Senhor dos Curupiras.

— *Com certeza não são* — concordou Quana, a fêmea de Quirinac.

Jacob e Joanna giravam entre si olhando a todos, não entendendo nada do que estavam falando. Era uma língua estranha.

— Onde estamos? Quem são vocês? — Jacob perguntou a Quirinac — E a propósito, — continuou dirigindo-se ao que estava molhado e que lhe salvou a vida — muito obrigado.

Joanna permanecia calada. Tremendo.

— *Eles falam uma língua de outro mundo. Precisamos devolvê-los* — Quirinac fez um sinal aos demais curupiras que rapidamente obedeceram a suas ordens.

Jacob e Joanna foram agarrados. Enquanto gritavam e se debatiam um dos Curupiras segurou uma estranha folhagem no nariz deles. Em segundos estavam desmaiados.

— *Cuidem deles até a próxima visita dos céus* — ordenou Quirinac.

Todos desapareceram na densa floresta.

A próxima lua chegou. Clara e dominante sobre Enish.

Do alto das montanhas distantes podia se contemplar o território dos sacis e dos curupiras. Quase na linha do horizonte, o rio de domínio das iaras refletia a linda lua.

Como programado, luzes coloridas dispostas em círculo viam das estrelas e permaneceram sobre a terra dos sacis. Um facho de luz desceu e por alguns segundos iluminou uma pequena porção de terra. Depois desapareceu.

As luzes coloridas se dirigiram mais adiante sobre o território dos curupiras. O facho de luz desceu e também permaneceu por alguns segundos.

Seguindo seu rumo, as luzes coloridas quase desapareceram no horizonte, onde era possível ver seu facho de luz sobre o rio das iaras. Em segundos as luzes se perdiam na imensidão infinita das estrelas do firmamento.

Em algum lugar do espaço, dentro de algum veículo espacial dois amigos se encontravam com alegria, enquanto uma moça rezava o Pai Nosso.

SOBRE O AUTOR

MARCELO BIGHETTI nasceu em 1968. Casado com Adriana desde 1995 é pai de quatro filhos. Além de designer é leitor compulsivo desde menino. Começou a escrever Ficção Científica e Fantasia no final da primeira década do século XXI. Possui nove contos publicados. Atualmente escreve seu próprio livro.

Blog: www.marcelobighetti.blogspot.com.

E-mail: mbighetti@gmail.com.



OUTROS TÍTULOS

Conheça os outros contos que fazem parte deste projeto de inclusão digital e social.

O MASSACRE DE ENCÉLADO

Daniel Borba

Uma guerra interplanetária leva um grupo de soldados a Encélado, uma pequena lua do planeta Saturno. Encélado é um lugar diferente, um mundo com o qual o ser humano não está acostumado. Em sua luta pela sobrevivência, os soldados encontrarão uma natureza bela e deslumbrante. Mas lá também há medo e destruição. Numa emocionante batalha, eles viverão as piores experiências de suas vidas, em busca da última chance para salvar a humanidade de um fim trágico.

O PEQUENO CAÇADOR

Ademir Pascale

Um jovem é o único sobrevivente de um terrível acidente automobilístico, o qual passa por uma incrível reviravolta em sua vida, numa aventura sobrenatural vivenciada nas ruas de São Paulo e Minas Gerais.

A ROTA DAS AREIAS DA MORTE

Georgette Silen

Uma princesa guerreira. Kira, A Princesa de Hisipan, terra de fabulosas mulheres guerreiras, parte em uma jornada heroica por reinos distantes, uma viagem repleta de batalhas espetaculares, criaturas fantásticas, monstros saídos das histórias de horror, feitiçeiros e muita magia. É leitura obrigatória para os fãs de Conan, o Bárbaro, e Elric, o Guerreiro Albino.

Livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:

Nome do autor: Marcelo Bighetti

e-mail: mbighetti@gmail.com



Distribua sem Moderação!